



OLHARES EM SUSPENSO: A PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS DO CAIC PROFESSOR WALTER JOSÉ DE MOURA SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR E COMUNITÁRIO

Hevanny Guimarães de Almeida Souza ¹

Jhéssyca Paslandim Silva ²

Sthéfany Barbosa Maciel ³

Roni Ivan Rocha de Oliveira ⁴

RESUMO

O presente trabalho, desenvolvido na escola CAIC Professor Walter José de Moura, localizada no bairro Areal, região administrativa do Distrito Federal (DF), apresenta uma proposta de investigação e valorização das realidades vividas por crianças e seus familiares, a partir do tema "Realidades sob o olhar das crianças e familiares". A pesquisa foi realizada com turmas da escola do Ensino Fundamental I, tendo como foco a observação, registro e análise das rotinas, culturas, origens e histórias locais, assim como a relação afetiva e identitária dos espaços de convivência e vivência das crianças e de suas famílias. O referencial teórico dialoga com autores como Barbosa (2007), que compreende a infância como categoria social de produção de culturas próprias, e Vigotski (1998), que destaca a mediação social na construção do conhecimento, além de aportes dos estudos sobre cultura e território, como Santos (2000). A proposta metodológica baseou-se em práticas investigativas participativas, valorizando a escuta ativa das crianças e a contribuição dos familiares para a construção de narrativas e mapeamentos afetivos sobre: a comunidade, a escola, a região, o bairro, a quadra ou rua, e a maneira que as crianças enxergam esses diferentes espaços. As atividades envolveram rodas de conversa, registros fotográficos, desenhos e relatos orais, que possibilitaram identificar as rotinas diárias, costumes, memórias e vínculos históricos que constituem o modo de viver no território. Como resultados preliminares, observou-se a forma singular que cada criança enxerga a comunidade, a escola e os locais onde convivem e vivem, além disso também se observou a forma com que cada família vive de forma diferente e como isso influencia a maneira com que as crianças enxergam os locais. Tal pesquisa trouxe um entendimento e fortalecimento da cultura presentes na comunidade escolar possibilitando assim intervenções pedagógicas mais assertivas por meio da direção, coordenação e professores da escola.

Palavras-chave: Comunidade, crianças, espaços, identidade, familiares.

INTRODUÇÃO

A infância, historicamente, foi compreendida de formas distintas ao longo do tempo, constituindo-se como uma construção social. Durante séculos, as crianças foram vistas como

1 Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, hevanny.unb@gmail.com;

2 Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, jhessycapaslandimsilva@gmail.com;

3 Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, sthefany.bm2@hotmail.com;

4 Professor orientador: Doutor em educação, Faculdade de Educação - UnB, roni.oliveira@unb.br.





“adultos em miniatura”, destituídas de voz e autonomia, sem distinção entre as etapas da infância e tendo sua educação na reprodução de comportamentos esperados pela sociedade (Ariès, 1981). Com o avanço dos estudos sobre o desenvolvimento humano e das novas perspectivas pedagógicas, a criança passou a ser reconhecida como sujeito ativo, social e culturalmente situado. Segundo Faria (1999), a criança é um sujeito potente e de direitos, capaz e produtor das culturas infantis, perspectiva a partir da qual este estudo se fundamenta.

Compreender sua perspectiva permite ampliar os conhecimentos sobre suas peculiaridades, sentimentos, necessidades e desejos, fornecendo elementos fundamentais para a prática pedagógica e contribuindo para a construção de uma imagem mais positiva da infância (Cruz; Schramm, 2019). Nesse sentido, reconhecer a multiplicidade de linguagens infantis é essencial para respeitar a forma como a criança se expressa. Como afirma Gobbi (2010, p. 2), “condicionados a pensar nas linguagens sempre relacionadas à fala, deixa-se de pensar nelas associadas ao movimento, ao desenho, à dramatização, à brincadeira, à fotografia, à música, à dança, ao gesto, ao choro”.

A compreensão da realidade sob o olhar das crianças exige que valorizemos a infância como um tempo de produção de sentidos, expressão e participação ativa no mundo. Neste sentido, a partir de uma perspectiva histórico-cultural, Vygotsky (1989) destaca que o desenvolvimento humano é um processo mediado social e culturalmente, no qual as interações e as linguagens exercem papel central na construção dos significados. Para o autor, a aprendizagem ocorre nas relações estabelecidas com o outro, e a linguagem é o instrumento que possibilita a internalização das experiências. Assim, compreender como as crianças percebem e expressam sua realidade implica reconhecer o valor de suas interações e das múltiplas formas de comunicação que utilizam no cotidiano escolar.

O desenvolvimento humano é fruto da inserção da criança em um ambiente social que lhe oferece significados, instrumentos culturais e modos de agir sobre o mundo. Nesse sentido, ao reconhecer a importância da cultura e da linguagem como mediadoras, a teoria vygotskiana contribui para compreender a criança como sujeito histórico e produtor de significados, cuja visão de mundo é formada em constante diálogo com o outro e com o meio que a cerca.

Sob esse mesmo viés de valorização da infância como tempo de produção de sentidos, a Sociologia da Infância, conforme apontam Marchi e Evangelista (2023), amplia o olhar





sobre as crianças ao reconhecê-las como agentes sociais e participantes ativos na construção da realidade. Assim, a criança deixa de ser vista apenas como objeto de estudo e passa a ser compreendida como sujeito que interpreta, produz cultura e atribui significados às suas vivências.

Dessa forma, ao articular as contribuições da teoria histórico-cultural de Vygotsky com os princípios da Sociologia da Infância, torna-se possível compreender a infância não como uma etapa de preparação para a vida adulta, mas como uma fase plena de experiências e significações próprias. Essa visão favorece práticas pedagógicas que valorizam a escuta, o protagonismo e as expressões infantis, reconhecendo as crianças como sujeitos sociais que constroem e transformam o mundo em que vivem e que é interpretado por elas.

Nessa mesma perspectiva, Paulo Freire afirma que “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (1981), assim entendemos que a criança não é um ser sem conhecimento algum. Ela carrega com si experiências, atribuindo significados a sua realidade, partindo de suas interações com o meio. Desde cedo as crianças exploram, conhecem e entendem o espaço, isso acontece mediado da interação social, ou seja, ao engatinhar, ao brincar, no caminhar para a escola. A todo momento há a construção da leitura do mundo.

Para Callai (2005), a leitura do mundo se dá na compreensão do espaço. Essa construção do conhecimento parte do lugar vivido pela criança. O espaço não é um lugar neutro, nele há história, cultura, significados sociais e políticos, por isso “ao ler o espaço, a criança estará lendo a sua própria história, representada concretamente pelo que resulta das forças sociais e, particularmente, pela vivência de seus antepassados e dos grupos com os quais convive atualmente” (Callai, 2005, p. 237), assim há o entendimento da sua comunidade, o que é importante na construção de identidade e sentimento de pertencimento.

Com base nessas ideias, esse trabalho buscou compreender como essas crianças constroem sentidos sobre o cotidiano escolar e comunitário e sobre o espaço em que vivem.

METODOLOGIA

Essa pesquisa teve abordagem qualitativa e caráter exploratório. Segundo Gil (1999, p. 56), a pesquisa exploratória tem por objetivo “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, a fim de formular problemas mais precisos ou hipóteses de pesquisa para uma pesquisa





profunda”. O autor complementa que ela busca “proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato” (Gil, 2002, p. 41).

A construção dos dados se deu na Escola Pública CAIC Professor Walter José de Moura, localizada na comunidade do Areal, localizada na Região Administrativa de Arniqueiras, em Brasília, Distrito Federal. O estudo foi realizado com crianças de turmas do 1º ao 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que participaram mediante autorização dos responsáveis legais, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critério de inclusão foram consideradas as crianças regularmente matriculadas e cujos responsáveis consentiram na participação. Foram excluídas aquelas que não obtiveram autorização dos responsáveis ou que não desejaram participar voluntariamente da pesquisa.

Os dados foram obtidos a partir de três estratégias complementares: registros fotográficos, entrevistas e produção de desenhos. Participaram do estudo 10 crianças do período vespertino, sendo 5 do 4º ano, 2 do 2º ano e 3 do 1º ano. Para que realizassem os registros fotográficos, foi disponibilizada uma câmera fotográfica infantil, acompanhada de cartão de memória para armazenamento das fotos.

Cada criança foi instruída a registrar elementos do bairro e da escola que gostavam ou não gostavam, permitindo que expressassem suas percepções. Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conduzidas individualmente em ambiente calmo da escola, para que as crianças pudessem comentar sobre suas fotografias e relatar suas impressões do espaço vivido. No último momento da conversação, foi solicitado que as crianças realizassem desenhos representando aquilo que apreciavam ou que as incomodava na escola, bairro e em casa, complementando as informações obtidas por meio das fotografias e diálogos estabelecidos pelas crianças.

Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), entendida como um conjunto de técnicas que permite, a partir de procedimentos sistemáticos e objetivos, identificar indicadores capazes de revelar sentidos presentes nas mensagens. A análise ocorreu em três etapas.

1. Pré-análise - organização e leitura flutuante do material (entrevistas transcritas, fotografias e desenhos) para identificação inicial de temas e sentidos;





2. Exploração do material - codificação e categorização das unidades de registro (falas, elementos visuais e simbólicos) de acordo com sua frequência e relevância;
3. Tratamento e interpretação dos resultados - articulação das categorias emergentes com o referencial teórico, buscando compreender os significados construídos pelas crianças sobre o espaço escolar e comunitário.

As produções visuais foram compreendidas como linguagens expressivas que comunicam modos de ver e sentir o mundo, sendo analisadas à luz das narrativas orais das próprias crianças. A análise buscou captar as múltiplas dimensões simbólicas e sociais presentes nas produções infantis, permitindo compreender como as crianças percebem e significam o espaço escolar e social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Brincadeiras e afetos

As falas revelaram que o brincar é uma das principais formas de expressão e prazer das crianças. Elas mencionaram atividades como futebol, pique-bandeirinha, brincar na terra e conviver com amigos e familiares. A escola foi associada a vínculos afetivos, especialmente com as professoras, e a sentimentos positivos de acolhimento e aprendizado. Tais sentimentos de afeto pelas professoras vêm principalmente dos alunos mais novos, principalmente aqueles do 1º ano, em que relacionam a escola ser um lugar legal e que eles gostem por conta da professora.

Ao analisar essas respostas percebemos como elas se relacionam com o seu cotidiano, já que a interpretação e relação que elas têm com o meio está intrinsecamente ligada às suas interações sociais e culturais, como refletido por Vygotsky (1989). Sendo assim, a atribuição de significados é influenciada pelas experiências e vivências no dia a dia. Isso se reflete ao questionarmos sobre o que elas gostam na escola, as crianças relacionaram a professora, evidenciando que a sua interação com o meio está ligada ao campo do afeto, o que desperta sentimento de acolhimento e, assim, de pertencimento. Isso demonstra que a visão e interpretação do meio escolar é formada a partir das relações (sociais, afetivas, culturais)





vividas pelas crianças, como suas experiências com a regente da turma é positiva, a correlação de algo “bom” é direcionada a ela.

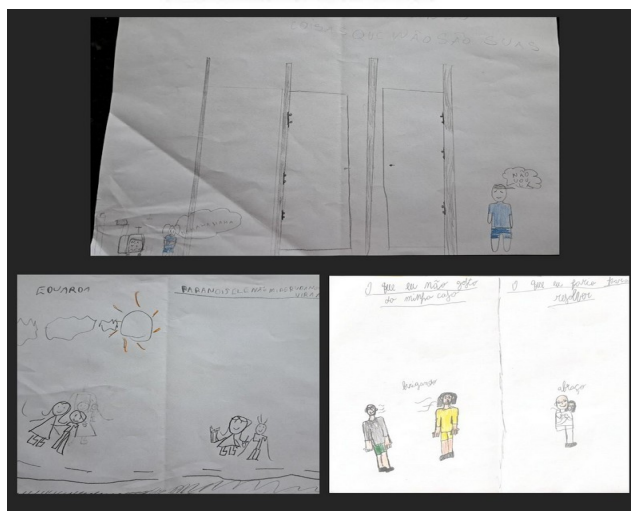
Violência e conflitos

As crianças relataram diversas situações de violência e conflito, tanto na escola quanto na comunidade. Estudantes do 4º ano mencionaram brigas, vandalismo e ameaças escritas nos banheiros. Entre os relatos, destacam-se episódios de sujeira proposital no banheiro feminino, xingamentos e ameaças nas portas, além de invasões de sala para danificar pertences. Também houve menção a desenhos de genitálias nas paredes do banheiro masculino. Apesar desse cenário, algumas crianças expressaram, em seus desenhos, o desejo de resolver conflitos por meio do diálogo e da amizade. Um exemplo é o de uma aluna do 2º ano, que, sofrendo agressões de um vizinho da mesma idade, propôs oferecer um bombom e uma cartinha como forma de tentar transformar a relação.

Ao analisarmos os relatos acerca da violência e conflitos, percebemos que as crianças não são sujeitos passivos de sua própria realidade. Elas percebem os problemas e pensam em soluções. Isso baseia-se na sociologia de Marchi e Evangelista (2023) que coloca as crianças como agente social, que produz, interpreta e atribui significados a suas vivências, evidenciando-as como sujeitos ativos capazes de compreender a vida social e não como sujeitos inerte de sua própria realidade. Essa agência de si, se reflete de duas formas nos relatos: uma na qual as crianças encontram formas de se expressar na liberdade que lhes é concedida na ida ao banheiro ou quando não estão sendo supervisionadas, elas veem esse momento como oportuno para fazer aquilo que é proibido, mesmo que de forma inadequada. E outra na resolução do problema apresentado pela aluna do 2ºano, em que o diálogo e afeto contribuem na superação do conflito. Concluímos, assim, que as crianças são participantes ativas na sociedade, bem como defendido por Marchi e Evangelista (2023).

Montagem 1: Desenhos feitos pelos estudantes do Ensino Fundamental - Anos Iniciais participantes da pesquisa sobre violência e conflitos em diferentes contextos.





Fonte: Elaboração própria, 2025.

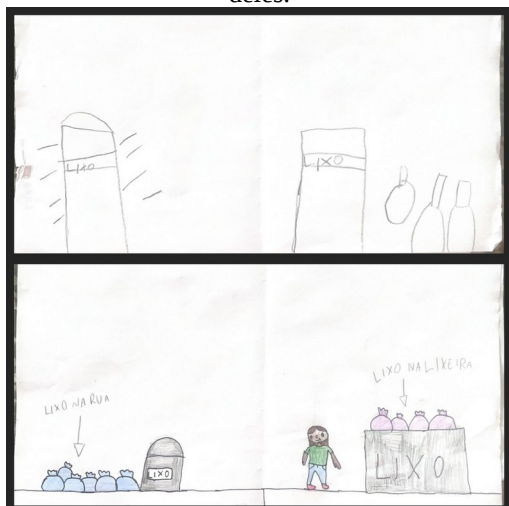
Questões ambientais e cuidado com o espaço

O tema do lixo apareceu com frequência nas falas e desenhos, mostrando que as crianças têm consciência sobre o descarte correto e o cuidado com o ambiente. Duas delas, uma do 1º ano e outra do 4º ano, representaram o lixo presente tanto no local onde moram quanto nas redondezas da escola, associando-o à poluição, à sujeira e à presença de animais. Também mencionaram outros problemas do percurso até a escola, como o perigo de um coqueiro e as dificuldades dos morros. Nos desenhos, sugeriram soluções, como limpeza e melhorias no espaço urbano.

Nesse sentido, as crianças relataram um incômodo com a quantidade de lixo próximo à sua residência e escola, concluindo-se uma leitura crítica sobre o lugar em que elas vivem. Essa prática está ligada à leitura de mundo apresentada por Callai (2005), em que a criança percebe o lugar com um olhar crítico, observando que o espaço não é neutro, pois ele expõe as desigualdades sociais (bem como as relações de poder), o que se materializa no descaso com o bairro relatado pelas crianças. Sob essa perspectiva, eles trouxeram soluções para os problemas apresentados, o que demonstra uma visão crítica da sociedade ao relacionar a superação do problema com a limpeza e ações que visam melhorias em seus bairros. Portanto, as experiências das crianças influenciam a forma em que elas se relacionam com o meio.

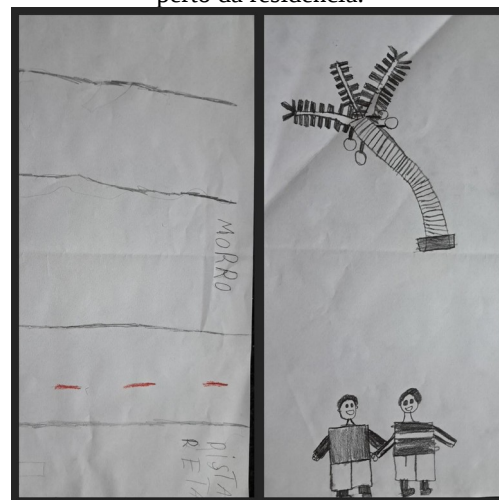


Montagem 2: Desenhos feitos pelos estudantes do Ensino Fundamental - Anos Iniciais participantes da pesquisa sobre o lixo presente no cotidiano deles.



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Montagem 3: Desenhos feitos pelos estudantes do Ensino Fundamental - Anos Iniciais participantes da pesquisa sobre a presença de dificuldade para chegar na escola e a presença de um com coqueiro perto da residência.



Fonte: Elaboração própria, 2025

Percepções sobre a escola

A escola foi vista como um espaço importante de convivência e aprendizado, mas também com desafios. As crianças citaram problemas estruturais, como escadas perigosas e vandalismo, além de comportamentos inadequados, tanto entre os próprios colegas quanto entre figuras de autoridade, como a professora da turma, e se estendendo para os responsáveis dos estudantes. Uma delas apontou que deveria haver um padrão de roupas adequado para buscá-los, pois, segundo a mesma, as vestimentas podem influenciar as crianças.

Apesar dos pontos citados, eles expressaram carinho pelas professoras e satisfação com algumas melhorias no ambiente, como é o exemplo de um estudante do 2º ano que, no momento da entrevista, relatou sobre a mudança que aconteceu na sala da diretora, quando houve a troca da porta, segundo ele a antiga porta era muito velha.

Ademais, se pôde perceber que as crianças mais velhas gostariam de ter um espaço mais adequado para o intervalo, pois, para as crianças de 4º e 5º ano, ele é realizado em um espaço chamado por Arena, em que não tem uma infraestrutura adequada. E ao mencionar esse espaço as crianças demonstram que gostariam de ter melhorias na estrutura, para que elas pudessem vivenciar a escola e brincar de forma plena e diferente.

As observações dos estudantes acerca da escola nos mostra uma leitura ativa do espaço, em que a arquitetura da escola é avaliada e percebida, e quando há melhoria nessa





estrutura ela é notada como um aprimoramento positivo do ambiente, melhorando a relação e percepção com o meio. Essa visão é evidenciada por Rodrigues e Cruz (2021), no qual analisam a escola como um objeto espacial e argumentam que o ambiente físico impacta de forma direta as vivências. Eles refletem que a precarização da infraestrutura pode ser um meio para a manutenção das desigualdades sociais, portanto a melhoria observada pelo estudante na sala da diretora e o anseio aperfeiçoamento da Arena, mostra a influência da estrutura nas atividades e experiência escolar, visto que eles mesmos ressaltam isso em suas falas.

Ademais, o apontamento da escada como um ponto de risco para a comunidade pertencente à escola se encaixa na crítica dos autores sobre os impactos de uma escola sucateada, em que a precariedade das condições de trabalho, somada às burocracias e à falta de infraestrutura, acaba fazendo com que a escola ofereça apenas uma formação básica limitada, insuficiente para o desenvolvimento das habilidades necessárias no cotidiano (Rodrigues e Cruz, 2021).

Embora as crianças ainda não reconheçam a escola como produtora de desigualdades, elas percebem que sua estrutura precisa de mudanças, apontando a precariedade como um fator que limita suas experiências. A preocupação de uma aluna com a roupa usada pelos responsáveis ao buscá-la indica como as crianças interpretam o mundo a partir das observações do cotidiano adulto, como afirma Barbosa (2007). Isso sugere que a estudante provavelmente internalizou discursos presentes em seu ambiente familiar, atribuindo significados e expectativas sobre comportamentos considerados adequados ao espaço escolar.

Expressão através do desenho

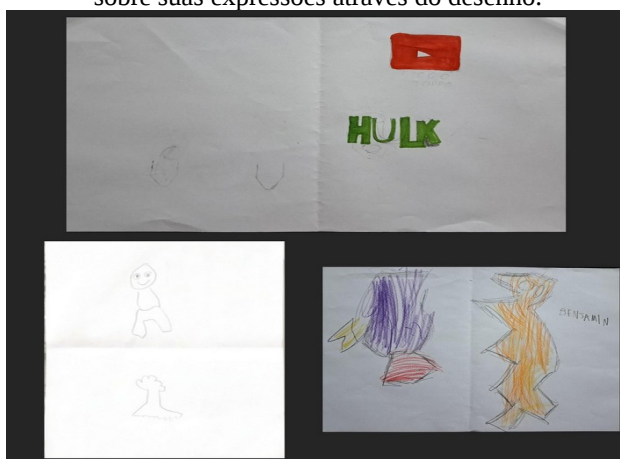
Os desenhos tinham como objetivo ampliar as formas de expressão das crianças, estimulando a criatividade para que representassem aquilo de que não gostam na escola ou na comunidade e como gostariam de transformar essas situações. A maioria conseguiu expressar bem esses aspectos, embora algumas tenham feito interpretações diferentes da proposta, produzindo imagens relacionadas às fotos ou falas da entrevista, mais ligadas às suas experiências pessoais. Observou-se também que os estudantes mais velhos (4º ano) mostraram resistência em desenhar por se considerarem “ruins”, mesmo entre aqueles que afirmavam gostar da atividade. Além disso, o aluno do 2º ano mostrou nervosismo ao



desenhar, apesar de afirmar que gostou da experiência e de gostar de desenhar. Ele verbalizou várias ideias sobre coisas de que não gostava, mas acabou representando apenas o símbolo do YouTube e a palavra “Hulk”, presente em seu estojo. Durante a atividade, apagou o desenho diversas vezes na tentativa de deixá-lo “perfeito”, segundo ele próprio.

Também é importante evidenciar que houve variações na forma como as crianças produziram os desenhos, decidir pintar ou não, escolher cores e modos de traçar, e todas tiveram liberdade para se expressar da maneira que desejassem. Essa autonomia resultou em produções diversas e ricas, evidenciando o valor social e pedagógico das múltiplas linguagens. Os resultados confirmam a ideia de Paulo Freire de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, pois cada criança expressou sua visão de mundo a partir de suas experiências. Também ficou evidente a importância de valorizar diferentes formas de expressão: algumas crianças mostraram nervosismo ao desenhar, mas se comunicaram com facilidade pela oralidade, outras fizeram poucas fotos, mas se engajaram mais nos desenhos. Esse movimento entre linguagens reforça, à luz de Vygotsky (1989) e de Marchi & Evangelista (2023), que a interação e o uso de diferentes meios expressivos favorecem a internalização das experiências e a constituição das crianças como sujeitos ativos.

Montagem 4: Desenhos feitos pelos estudantes do Ensino Fundamental - Anos Iniciais participantes da pesquisa sobre suas expressões através do desenho.



Fonte: Elaboração própria, 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu compreender como as crianças percebem, interpretam e significam o espaço escolar e comunitário, revelando dimensões afetivas, sociais e culturais





presentes no cotidiano. As análises mostraram que o olhar infantil é constituído por experiências singulares e pela interação constante com o meio, onde se reconhece a criança como sujeito ativo e produtor de sentidos. Os resultados mostram que as crianças, por meio de diferentes linguagens, produzem leituras sensíveis e críticas sobre os lugares onde vivem, revelando afetos, pertencimento e também percepções de incômodo ou desigualdade. Isso indica que, mesmo antes de compreenderem conceitos formais, elas já interpretam o mundo a partir de experiências carregadas de significados sociais.

Observou-se ainda que o ambiente escolar reflete e influencia as experiências infantis, podendo tanto reproduzir desigualdades quanto se constituir como um espaço de transformação e construção de aprendizagens significativas. Notou-se que algumas crianças demonstraram resistência ao desenhar, mesmo reconhecendo que gostavam de desenhar, o que

pode estar associado à forma como determinadas linguagens expressivas são valorizadas ou não no percurso educativo, o que abre caminho para futuras pesquisas que investiguem a relação entre o medo de errar, a autopercepção estética e a escuta pedagógica.

A pesquisa apresentou limitações quanto ao número de crianças investigadas. Porém, ainda assim evidencia a importância de espaços de escuta e expressão, fortalecendo o protagonismo infantil, a construção de identidade e uma educação contextualizada e emancipatória.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, G. S.; FERREIRA, J. L. Análise de Conceito e Análise Temática na pesquisa qualitativa em educação. *Debates em Educação*, v. 14, n.36, p. 358–378, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/13678>. Acesso em: 17 out. 2025.

ARIES, Philippe. História social da criança e da família. Tradução de Dora Flaksman. 2.^a ed. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981. (Edição brasileira da obra original *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Paris: Éditions du Seuil, 1973.). Disponível em: <https://share.google/RawngYfIOIJ20v7CG>>.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas*. Educação &





Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/Ksn57fkpaH35MtdpgcHbnZL/>>.

BARDIN, L.(2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: .<https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>

CARNEIRO, M . H . S. Étude des représentations dans le domaine de la reproduction et developpement. Constructions progressive de ces concepts chez les enfants de 1'école primaire de Brasília - Brésil, Tese de Doutorado, França, Universidade Paris VII , 1992.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FARIA, Ana Lucia Goulart. Educação pre-escolar e cultura. Sao Paulo: Cortez, 1999

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

FRIEDMANN, A. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. 1 ed. – São Paulo: Pandas Books, 2020.

GIL, A. C.Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C.Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023141, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.17958. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 17 out. 2025.

MARCHI, R. de C.; EVANGELISTA, N. S. A Sociologia da Infância e o conceito de culturas infantis: aspectos e implicações teóricas. Educação, [S. l.], v. 48, n. 1, p. e122/1–25, 2023. DOI: 10.5902/1984644468569. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/68569>. Acesso em: 6 out. 2025.

RODRIGUES, Marcus Rafael; CRUZ, Dayana Aparecida Marques de Oliveira. A natureza do espaço escolar: contribuições da Geografia de Milton Santos para compreensão da escola como um objeto espacial. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 11, n. 21, p. 05-18, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://share.google/NzkhItg1GzY7gNQ6V>

SILVA, Clécio José da; ALEXANDRE, B.; FERRONATO, Raquel Franco; PONTES, Fabrícia Gonçalves Amaral; LIMA, Odaíze do Socorro Ferreira Cavalcante. Vygotsky e a



aprendizagem sociointeracionista: o papel da linguagem e do contexto cultural na educação. 2024.



VYGOTSKY, L. S.A formação social da mente São Paulo: Martins Fontes, 1989.

